

## Pôs fogo no morto e caiu no samba: poeta mórbido do Rio volta aos estúdios...

Leandro Aguiar, 24/06/2023

Link: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/06/24/pos-fogo-no-morto-e-caiu-no-samba-poeta-morbido-do-rio-volta-aos-estudios.htm>



O poeta e geólogo Fernando Pellon, no Bar do Serginho, no Rio

Quando desceu do táxi, numa das tantas ruas cenográficas do bairro de Santa Teresa, no Rio, o poeta e geólogo Fernando Pellon, 67, foi logo reconhecido por músicos. Eles se aqueciam, à base de cerveja gelada, para uma das tradicionais rodas de choro da cidade que acontece nas noites de segunda-feira, no Bar do Serginho. O clarinetista Rui Alvim, 58, após dar as boas-vindas, assim referiu-se ao colega: "esse não é para estômagos sensíveis!", ao que o contrabaixista Pedro Aune, 42, concordou: "rapaz, ele é dono de um trabalho muito particular". O público que enchia o calçamento de pedras em frente ao bar, porém, não reagiu à altura. "Tenho uma longínqua suspeita de que só serei descoberto quando eu morrer", explicou Pellon, sorridente, ao TAB.

Pellon surgiu para a música em 1983, quando lançou seu primeiro disco, "Cadáver Pega Fogo Durante o Velório". Em ritmo de choro e samba, as nove faixas do LP tratam de miséria, doença, suicídio, funerais e amores obsessivos. Entre os músicos de estômago forte que participaram da empreitada, estavam o veterano Synval Silva, cujas composições já foram gravadas por Carmen Miranda, o gênio precoce Raphael Rabello, Paulinho Lêmos (que pouco depois acompanharia Beth Carvalho em turnê europeia) e a cantora Cristina Buarque de Holanda, irmã de Chico Buarque e de Miúcha.

O elenco estrelado, a originalidade temática, a capa repleta de manchetes sensacionalistas (como "Caseiro come orelha do rival por ciúmes") e a curiosa abordagem poética de Pellon garantiram a "Cadáver" um lugar especial na discografia brasileira: o de "clássico maldito", cultuado por poucos e seletos fãs. Como por exemplo Aldir Blanc, que, num texto de 2010, descreveu Pellon como "extraordinário autor", capaz de fazer belas canções sobre "crime hediondo, dejetos e desenganos, guimbas e gosmas".

Porém, estas mesmas características garantiram fracasso comercial e muitas portas fechadas. Pellon acostumou-se a ouvir de produtores de TV e rádio que seu disco "não valia nada" e que "jamais será tocado nas programações". E assim, as novas composições do poeta acabaram engavetadas, até que, quase 30 anos depois, ele retornou aos estúdios.

**Ressurreição dos mortos** - Nesse meio-tempo, Pellon estudou geologia, viveu nos Estados Unidos, onde doutorou-se na mesma área, voltou ao Brasil, deu aulas em universidades e integra, hoje, o Centro de Pesquisas da Petrobras. Casou-se com Lili Rose, 61, sua companheira desde os tempos do "Cadáver" — muito embora o estranho lirismo do namorado tenha acendido um alerta para ela.

Quando ele lhe mostrou letras como a de "Vã esperança", Rose lembra ter pensado: "opa, esse cara é maluco". De fato, o romantismo contido nos versos "Ouvi dizer que o amor é como em certos casos de lepra / o sujeito se estrepa em três tempos", não é para todos os gostos. "Mas quem conhece o Fernando vê que ele é um cara doce, e que esse universo das letras não é o dele", garante a esposa. Pellon concorda: "essas músicas têm vida própria".

O casal teve dois filhos. Nos idos de 2005, quando "Cadáver" tornara-se, nas palavras de Pellon, "uma curiosidade que eu mostrava para uns poucos amigos", sua filha caçula o avisou sobre a existência de

uma comunidade no hoje finado Orkut que reunia milhares de admiradores de seus sambas obscuros. Eram jovens, idosos, sambistas e roqueiros que especulavam sobre o paradeiro do autor de pérolas como "Eu ingeri uma dose letal de veneno / e saio pela cidade" — estaria vivo, ainda?

O reconhecimento tardio o animou e, com fundos próprios, Pellon desengavetou suas músicas e levou-as para gravar. Lançou, em 2010, "Aço Frio de um Punhal", em cuja capa uma coroa de flores orna um túmulo que poderia ser o seu - e que tem como vizinhos os jazigos de Nelson Rodrigues, Nelson Cavaquinho e Noel Rosa. Seis anos depois foi a vez de "Moribundas Vontades", em que Cristina Buarque novamente figura na ficha técnica cor vermelho-sangue.

A recepção foi calorosa, sobretudo entre musicistas - ambos os discos contam com arranjos de Jayme Vignoli, incontornável nome nas rodas de choro cariocas. Os shows, porém, foram raros. Pellon admite que "canta só se não tiver outro jeito", e suas apresentações são performances que, mais de uma vez, incomodaram os mais sensíveis.

Um dos primeiros shows de "Cadáver", em 1984, já foi o "prenúncio de um fracasso", conta Pellon. O sambista tocava para uma plateia num restaurante, mas certa canção do repertório não caiu bem. Ela tratava de um acidente de trânsito, descrito graficamente pelo eu-lírico, que avisa à cômpute: "disfarça e olha com cuidado para não se impressionar / porque amor, hoje tem carne no jantar". Muitos foram embora indignados, outros gargalharam e aplaudiram. Talvez por sorte, a mãe do compositor havia se negado a ir ao show. À época, lembra Pellon, ela afirmara: "não criei filho para isso!"

**Vísceras expostas** - As reações não surpreendem Pellon. Violência, pobreza, loucura e morte, embora onipresentes no dia a dia brasileiro, são pouco abordadas pela MPB, e o músico considera que "incomodar" os ouvintes é parte da sua missão musical. "Algumas pessoas ficam indignadas com uma canção que tenha como personagem um morador de rua em coma alcoólico, mas se acostumam a ver pessoas famintas na porta de casa. Essa indiferença é que é mórbida", diz.

Dando prosseguimento à sua missão, Pellon lançou, em abril deste ano, seu quarto álbum, "Medula e Osso". Na capa, vemos as vísceras expostas de algum pobre sujeito, e, nos créditos, lê-se: "Gravado na virada democrática de 2022". Para o músico, que viu o pai, militar legalista da Aeronáutica, ser preso após o golpe de estado em 1964, encobrir os problemas nacionais com uma falsa ideia de cordialidade é algo que beneficia aos reacionários, entre os quais ele coloca o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). "Alguém tem que fazer o trabalho sujo de expor as nossas doenças sociais. Eu me candidatei a esse posto."



No dia 28 de abril, quando, num raro show, Pellon lançou "Medula e Osso", Alvim, Vignoli, Aune e diversos outros músicos da nata do samba e do choro o acompanhavam no palco do Centro da Música Carioca Artur da Távola, um palacete histórico próximo de onde residia Aldir Blanc, na Tijuca. Além de fãs de longa data, havia também um grupo de adolescentes desavisadas que por ali passavam e resolveram entrar. Entre elas, o comentário geral era: "não entendi foi nada".

Tudo bem para Pellon, que se diz engajado "num projeto de longuíssimo prazo". Todas as informações referentes a sua obra se encontram compiladas em seu site, o que inclui um dossiê com os vetos do Serviço de Censura de Diversões Públicas da ditadura militar, que em 1983 embargou por quase um ano o lançamento do "Cadáver". "Está tudo organizadinho, para quando eu seja enfim compreendido pela posteridade", brinca Pellon.